

Estudos da Língua(gem)

Uma abordagem unificada para a posição de clíticos em português brasileiro e em francês

A unified analysis for clitic position in Brazilian Portuguese and French

Aroldo Leal de ANDRADE*

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP/BRASIL

RESUMO

O presente texto tem por objetivo propor uma abordagem unificada para a posição de clíticos em predicados complexos em português brasileiro e em francês, a partir da noção de extensão de fases apresentada em Den Dikken (2007). A principal motivação para essa escolha consiste numa correlação entre perda do movimento do verbo e perda da morfologia de tempo, que seria um fator explicativo para a mudança nos clíticos dessas línguas. Nesse sentido, o artigo questiona uma proposta alternativa, segundo a qual a inclusão de uma projeção temporal encaixada seria a razão principal para a mudança para a não-subida de clíticos.

PALAVRAS-CHAVE: Clítico. Fases sintáticas. Movimento de núcleo. Português brasileiro. Francês.

*Sobre o autor ver página 81.

ABSTRACT

This text aims at proposing a unified analysis for clitic position in complex predicates in Brazilian Portuguese and French, developing the notion of phase extension put forward in Den Dikken (2007). The main motivation for this choice consists in a correlation between loss of verb movement and loss of tense morphology, an explanatory factor for the change in clitics in these languages. In this sense, the paper questions an alternative approach according to which the inclusion of an embedded temporal projection would be the main reason for the change to clitic non-climbing.

KEYWORDS: *Clitic. Syntactic phases. Head movement. Brazilian Portuguese. French.*

1 Introdução

O presente texto tem por objetivo apresentar uma abordagem unificada para a posição de clíticos em português brasileiro e em francês¹. Para este trabalho, parte-se do princípio de separação entre colocação e posição de clíticos, segundo a qual a primeira consiste na ordem de um clítico face ao seu hospedeiro; enquanto a segunda diz respeito à categoria que hospeda o clítico (GALVES, C.; RIBEIRO, I.; TORRES MORAIS, M. A., 2005). Ou seja, enquanto a colocação de clíticos é explicada pela morfologia, a posição de clíticos representa um fenômeno essencialmente sintático.

No que concerne à posição de clíticos, só há dois contextos de variação à regra de adposição do clítico ao verbo finito, em português europeu, que consistem nas construções de “reestruturação” e de “união de orações”. A primeira consiste numa sequência verbal em que o primeiro verbo é modal, aspectual ou temporal (*Eu quero vê-la*); a segunda consiste numa sequência verbal com um verbo causativo ou perceptivo (*Eu a mandei entrar*), seguido de um verbo não-finito. Em Português Brasileiro (PB) e em Francês (Fr), no entanto, esses contextos

¹Agradeço à Fapesp pelo apoio financeiro (Proc. Nr. 2011/19235-2), à plateia do VIII Congresso Internacional da Abralin e à avaliação dos pareceristas anônimos. O presente texto continua pesquisa iniciada com minha tese de doutorado, que teve por foco a história do português europeu (ANDRADE, 2010). Os erros ainda existentes são de minha responsabilidade.

de variação se reduzem, com preferência para a posição baixa do clítico, junto ao verbo infinitivo. Ou seja, essas línguas preferem a não-subida do clítico para o verbo finito, em contextos de predicados complexos.

A abordagem teórica adotada é a teoria de princípios e parâmetros e, mais especificamente, o programa minimalista (CHOMSKY, 2001; 2008), considerando as alterações no modelo de fases propostas por Legate (2003) e Den Dikken (2007), ou seja, todo vP é uma fase, e a extensão de fase é possível por meio do movimento de núcleo. No que se refere à metodologia, foram feitas consultas para aferir juízos de gramaticalidade junto a falantes nativos, a partir de exemplos coletados na literatura e de outros criados no contexto da pesquisa. Na discussão dos dados do PB, consideramos o dialeto de falantes de nível universitário (“norma culta”), com ênfase no registro coloquial. Para o Fr, a mesma decisão é tomada.

Os exemplos a seguir demonstram que o comportamento das línguas em análise é semelhante no complemento de verbos modais/aspectuais (correspondentes a verbos de “reestruturação” no português europeu), uma vez que ambas as línguas permitem o clítico junto ao infinitivo, somente.

- (1) *Verbo aspectual/modal + infinitivo*
 a. Ele pode **me** ver. (PB) a'. Il peut **me** voir. (Fr)
 b.* Ele me pode ver. b'.* Il me peut voir.

No entanto, PB e Fr se diferem em outros contextos: (i) no complemento de verbos causativos/perceptivos (que correspondem a verbos de “união de orações” no português europeu, na chamada construção *Fazer-Infinitivo*) e (ii) em tempos compostos. Nesses contextos, o Fr mantém a subida (posição junto ao verbo regente), enquanto o PB a bloqueia (posição junto ao verbo lexical)²:

- (2) *Verbo causativo/perceptivo + infinitivo (Fazer-Infinitivo)*
 a. Ela te fez me visitar. (PB) a'.* Elle t'a fait me visiter. (Fr)
 b.* Ela **lhe** fez escrever o romance. b'. Elle **lui** a fait écrire le roman.

² O exemplo (3) apresenta variação, porém com clara preferência por (3a). O dado em (3b) pode ser resultado de competição com a gramática ensinada na escola (PB padrão).

(3) *Verbo auxiliar + participio*

a. Ele tinha me visto. (PB) a'.* Il avait me vu. (Fr)

b.?² Ele me tinha visto. b'. Il m'avait vu.

A hipótese que se apresenta aqui é a de que a perda do movimento do clítico nas construções em (1) seria uma consequência da perda do movimento do verbo infinitivo, um fenômeno compartilhado por ambas as gramáticas envolvidas, cujas evidências são apresentadas na seção 2. A abordagem teórica para a relação entre movimento do clítico e movimento do verbo é apresentada na seção 3. Na seção 4 é dada uma explicação para as assimetrias em (2) e (3), e na seção 5 é oferecida uma comparação entre a proposta atual e uma proposta alternativa, segundo a qual o PB seria diferente porque teria uma projeção de uma categoria Tempo encaixada.

2 A diminuição do movimento do verbo

Para o estudo sobre o movimento do verbo, parte-se de dois pressupostos, calcados em reflexões presentes em Andrade (2010):

- (i) admitindo uma sintaxe que projeta só categorias que efetivamente têm um papel na derivação, não haveria, nem em Fr, nem em Português Europeu (PE), nem em PB, a projeção de um Tempo encaixado nas construções em tela;
- (ii) a semelhança entre PB e Fr, no que tange à posição de clíticos, tem a ver com o movimento dos verbos (finito e não-finito), que delimitam o estabelecimento de fases sintáticas e o movimento do clítico.

Em alguns trabalhos diacrônicos sobre a diferenciação do PB face ao PE, nota-se um percurso muito semelhante daquela língua face ao Fr, em especial no que diz respeito à perda de sujeitos nulos (ROBERTS, 1993). No entanto, não queremos focar esse aspecto, muito menos associá-lo diretamente à diminuição do movimento do verbo, uma vez que, como bem observam Biberauer e Roberts (2010), o Fr seria uma contraevidência dessa relação, pois essa língua tem movimento de

V-para-T, de acordo com Pollock (1989), mas, claramente, não possui sujeitos nulos. Dessa forma, esses autores propõem:

(4) *Correlações tipológicas*

- a. Riqueza de concordância de pessoa/número \Leftrightarrow Sujeitos Nulos
 b. Riqueza de concordância de tempo/aspecto \Leftrightarrow V-para-T

Em (4), note-se que o movimento de V-para-T se relaciona com a riqueza de concordância de Tempo, não de pessoa/número no verbo.

Cyrino (2012), apesar de adotar (4), especifica que a riqueza de Tempo deve ser entendida como em (5), em que se especifica que o número de morfemas válidos se refere àqueles que expressam uma correlação entre expressão e conteúdo:

(5) *Riqueza de concordância de Tempo/Aspecto*

Uma língua é rica em concordância de tempo/aspecto se e somente se:

- (i) há suficientes distinções morfológicas em tempos sintéticos;
 (ii) há correlação entre expressão e conteúdo.

Para o PB, Cyrino (2012) argumenta que: o mais-que-perfeito e o futuro deixaram de ser usados — cf. (6); e o pretérito perfeito não expressa necessariamente um sentido de passado terminado, uma vez que é, muitas vezes, equivalente ao passado perifrástico ou ao presente (exemplos de CYRINO, 2012; as formas em a'/b' são as efetivamente usadas no PB, e as formas em a/b seriam indicativas de conteúdo, de acordo com formas mais antigas):

- (6) a. Eu **morara** em Paris antes daqui. a'. Eu **tinha morado**...
 b. Eu **gostarei** de viajar pra Natal. b'. Eu **vou gostar** de viajar pra Natal.

- (7) Eu estou feliz, porque...
 a. ... **tenho vivido** bem todos estes anos. a'. ... **vivi** bem todos estes anos.
 b. Eu **adoro** sua blusa. b'. Eu **adorei** sua blusa!

Para Cyrino (ANO), tais exemplos indicariam que o verbo se move para uma posição de Tempo mais baixa, em que o Aspecto também seria codificado (GIORGI, A.; PIANESI, P., 1997).

- (8) [TP1 [TP2 +PASS/+PERF [VP V]]]
- ▲

Segundo essa visão, haveria o seguinte conjunto de formas sintéticas em PB (em sublinhado>, as formas com múltiplo conteúdo ‘formas-coringa’):

(9) *Morfologia de tempo em PB*

falo-Æ (presente), *falar-ia* (condicional), *fala-va* (imperfeito), *fal-ei* (pretérito *fal-e* (subjuntivo), *fala-sse* (subjuntivo passado)

Assumindo a análise de Cyrino (2012) como essencialmente correta, o Fr coloquial também apresenta desuso de certos tempos e modos verbais: o pretérito perfeito simples (10a) e o subjuntivo passado (10b) (ambos encontrados em certos gêneros textuais escritos, como romances, e substituídos no coloquial por tempos compostos):

(10) a. Jean **naquit** en 1945.
‘Jean nasceu em 1945’

a’. Jean **est né** en 1945.
(lit. ‘nasceu’/ ‘é nascido’)

b. Si je **parlasse**...
‘Se eu falara/tivesse falado...’

b’. Si j’**aie parlé**...

Dessa forma, o francês teria quatro formas sintéticas de Tempo/Aspecto (ou melhor, cinco, se o presente do subjuntivo na 1.a e 2.a pessoas do plural for considerado):

(11) *Morfologia de tempo em Fr*

parle-Æ (presente indicativo/subjuntivo), *parler-ai* (futuro), *parlerais* (conditional), *parlais* (imperfeito)

Portanto, o número de tempos sintéticos parece ser equivalente entre PB e Fr. Resta saber se o núcleo T1 é acessado pelo verbo em Fr. Como um estudo detalhado sobre essa questão ultrapassaria nossos objetivos, consideraremos que o verbo finito em Fr, assim como em PB, se move até T2, e não até T1, dada a evidência relativa ao número de tempos sintéticos, apesar do que propôs Pollock (1989) com outra distribuição de categorias funcionais.

Passemos agora ao domínio não-finito. Um certo conjunto dos trabalhos sobre movimento do verbo nos anos 1990 simplesmente copia as projeções funcionais da oração finita nos contextos não-finitos, assumindo que o movimento do infinitivo espelharia o movimento do verbo finito. Isso não é necessariamente verdadeiro, como se nota nos exemplos a seguir, adaptados de Pollock (1989):

- (12) a. Elle **ne** semble **pas** heureuse.
Ela não parece feliz'
b. [**Ne pas** sembler heureux] est une condition pour écrire des romans.
'Não parecer feliz é uma condição para escrever romances.'
c.*[**Ne sembler pas** heureux] est une condition pour écrire des romans.

Em Fr o marcador de negação sentencial *pas* deve ocorrer antes do infinitivo, e não depois, como nos verbos finitos.³ Então, de qualquer forma, seria necessário providenciar uma relação independente entre morfologia e o movimento do infinitivo. Essa explicação continua em falta, até onde sabemos, pois mesmo textos que analisam o problema da negação com infinitivos, como Hirschbühler e Labelle (1995), não apresentam uma proposta para essa questão.

Diante desse problema, considera-se, como Roberts (2010) e referências ali citadas, que um domínio infinitivo tem uma projeção InFP, para a qual o verbo pode se mover ou não. Apresentamos nas subseções 2.1. e 2.2. a seguir evidências para mostrar que em PB e Fr o verbo não se move para Inf, enquanto que outras línguas românicas apresentam movimento para esse núcleo. Para tanto, considera-se a seguinte hipótese de trabalho: se o verbo não se move para determinado núcleo funcional, a contribuição semântica do traço correspondente não terá relação com a morfologia.

2.1 O padrão de colocação de clíticos: próclise no infinitivo

Roberts (2010) mostra que, enquanto em Italiano a ênclise é possível no domínio não-finito de sequências verbais (13a), o Fr sempre exhibe próclise nesse contexto (13b). Segundo a proposta desenvolvida aqui, isso se deveria ao não-movimento do verbo para Inf.⁴

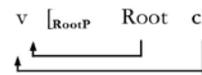
Considerando que os clíticos se movem como alvos defectivos, isto é, pelo fato de serem compostos por subconjuntos de traços dos traços de sua sonda (ROBERTS, 2010), o clítico se moveria nos dois

³ Segundo Pollock (1989, p. 373), a ordem *ne*-Infinitivo-*pas* seria possível somente com verbos auxiliares, sobre os quais diz: “[t]he sentences [...] are usually considered somewhat literary and ‘recherché’”. Um dos pareceristas anônimos observou que essa construção ainda é possível num linguajar arcaico, mesmo com verbos lexicais, contra a agramaticalidade em (12c). Atribuímos essa última possibilidade à “periferia” da gramática, no sentido que lhe é dado em Chomsky (1981).

⁴ Nesse caso, a morfologia de infinitivo seria adicionada ao verbo por movimento pós-sintático (cf. EMBICK, D.; NOYER, R., 2001).

casos para v, tão-somente pela presença de traços-phi nesse núcleo, mas o traço que leva ao movimento do verbo (aqui referenciado como a raiz do predicador (=Root)) estaria presente em Inf, não em v:⁵

- (13) a. [_{InfP} -r [_{vP} v [_{RootP} Root cl]]] *Vuoi vederlo.*

- b. [_{InfP} -r [_{vP} v [_{RootP} Root cl]]] *Je vais le voir.*


O movimento em (13a) seria possível porque, sendo o infinitivo uma forma nominal, não seria forçoso levá-lo a ter um caráter verbal, em v. Uma previsão disso é que o infinitivo se comportaria como uma categoria nominal em Espanhol, Italiano e PE, mas não em Francês e PB. Isso pode ser verificado a partir do uso de Determinantes junto a orações infinitivas com sujeito especificado (exemplos colhidos da internet em (14)):

- (14) a. Admirava muito [o eu ser jovem e andar envolvido em livros] (PE)
(di.spp.pt)
 b. [El yo hacer un disco en solitario] no significa
 que la banda no esté trabajando para realizar un disco propio. (Es)
(www.gibsonguitar.es)
 ‘O eu fazer um disco sozinho não significa que a banda não esja
 trabalhando para realizar um disco próprio.’
 c. ... non c’è cosa che più odio di te se non [il tu fare il finto tonto] (It)
(www.epfanfic.net)
 ‘... não há coisa que mais odeio em você do que o você fazer o perfeito
 tonto.’
- (15) a. ?? Me incomoda [o você andar com esses amigos]. (PB)
 b. ?? Ça m’ennuie, [le tu/toi sortir de la maison]. (Fr)

Uma tentativa de explicação para esses dados é: uma vez que as orações infinitivas em (14) são completas (projetam todas as categorias funcionais, até CP), o núcleo C se manifesta como D por Acordo (*Agree*) com o infinitivo, se ele tiver traços nominais (“adquiridos” contra a informação presente em Inf).

⁵ Assume-se aqui a existência da projeção VoiceP (acima de vP), em cujo especificador seria gerado o argumento externo, seguindo Kratzer (1996) mas, por simplicidade, nem sempre as representações incluirão essa projeção. Com verbos modais/aspectuais, InfP é uma projeção acima de VoiceP, e com verbos causativos/perceptivos, trata-se da mesma projeção (InfP=VoiceP), devido à variação entre “união de orações” e ECM, como se discutirá adiante.

2.2 O enfraquecimento da marcação de *Irrealis*

Como indica Pollock (1997), a categoria Modo deve assumir uma posição sintática também, à semelhança de Tempo e Aspecto. Como já apontaram vários trabalhos, Tsoulas (1996), por exemplo, há uma relação entre modo subjuntivo e a forma infinitiva. Uma razão para isso é que o subjuntivo e o infinitivo compartilham a expressão de domínios intencionais (de mundos possíveis), e não raro são selecionados pelos mesmos verbos, variando quanto ao tamanho da oração infinitiva:

- (16) a. Maria lamenta [que os deputados mintam].
 b. Maria lamenta [_ mentir / ter mentido tanto].
- (17) a. Maria quer [que os deputados venham cedo].
 b. Maria quer [_ vir cedo].

Os exemplos acima ilustram que, em português, verbos factivos e volitivos, quando apresentam sujeito correferente, usam o infinitivo, porém, selecionam o subjuntivo quando o sujeito da matriz difere do sujeito da encaixada. Portanto, se os pressupostos que temos seguido estão corretos, o infinitivo (em geral) não tem traços de tempo ou aspecto, mas pode ter traços de modo, nas línguas em que há movimento para Inf.

De fato, uma diferença entre PE e PB (variedade culta, registro coloquial) é observada quanto à possibilidade de substituição do subjuntivo pelo infinitivo flexionado:

- (18) a. Maria lamenta [os deputados mentirem]. OK PE; *PB
 b. Maria quer [os deputados virem]. * PE; *PB

Apesar de ser um caso limitado, (18a) demonstra que o infinitivo pode carregar traços de modo *irrealis* no PE, mas não no PB. Portanto, um enfraquecimento da marcação de *irrealis* pelo infinitivo seria observada nessa variedade, por conta da perda do movimento para Mood (que em vez de núcleo, pode ser representado como traço presente opcionalmente em Inf).⁶

⁶ Adicionalmente, pode-se imaginar que nas línguas em que o infinitivo não se move para Inf há maior probabilidade de perda de subjuntivos, se houver uma extensão da perda de traços [uV] em Mood (=Inf), para contextos de uso exclusivo de subjuntivos. Sem o movimento para essa posição,

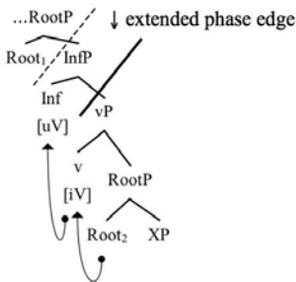
3 A perda da subida de clíticos

Se é verdade que o movimento do verbo diminuiu em português e em francês, nos domínios finito e não-finito, vejamos as consequências, dentro de um modelo de fases em que o movimento de núcleo tem papel crucial para a identificação das próprias fases, como se esclarece nas duas seguintes premissas:

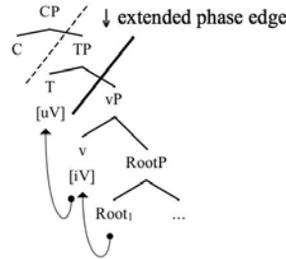
- (i) não haveria distinção entre fases fortes e fracas com base na estrutura argumental do verbo lexical, ou seja, todos os vPs e CPs são fases (LEGATE, 2003);
- (ii) uma fase se estende de vP a TP, nas línguas em que há movimento de v-para-T, pois uma categoria de rótulo híbrido v+T seria criada (DEN DIKKEN, 2007), o que alteraria a borda da fase e de seu complemento, como no esquema em (19). A razão para o movimento do verbo para T seria a presença de um traço [uV] em T (e em Asp). Evidentemente, as marcas morfológicas teriam uma importância por trás da presença de tais traços.

(19) *Extensão de fase*

a. Domínio baixo (infinitivo)



b. Domínio alto (finito)



o verbo tenderia a se manifestar no indicativo. Sabe-se que esse fenômeno apresenta variação diatópica no PB e no FR, ocorrendo, sobretudo, em Minas Gerais e no Canadá, respectivamente (VEADO, 1982; POPLACK, 1990).

Considerando que um traço substantivo phi+EPP na categoria T seria responsável pela subida do clítico (ANDRADE, 2010), uma previsão desse sistema é que a subida de clíticos se perderá com a perda do movimento do verbo infinitivo para o núcleo Inf: o clítico ficaria inacessível para sofrer excorporação para o verbo finito, pois, apesar de estar na borda da fase 1, a fase 2 seria fechada sem que ele tivesse sido alvo em uma relação de acordo (na representação, 'a' indica as bordas de fase (*phase edges*)). Em outras línguas românicas com subida de clíticos, por outro lado, haveria extensão de fase, o que faz com que o movimento do clítico seja possível.

(20) [CP [TIP T_(+phi) á [T2P V_{Fin} [vP [RootP [InP á [vP cl+V_{Inf} [RootP]]]]]]]]]

A diferença imposta por não haver extensão de fase diz respeito ao verbo finito não se mover até T1, onde se encontra o traço que leva à subida do clítico — o verbo se move somente até T2. Essa mudança teria ocorrido igualmente em PB e em Fr.

4 Construções com posição do clítico diferente em PB e Fr

A proposta acima explica uma parte dos dados, mas deixa de fora os casos em que PB e Fr se comportam de maneira diferente. Primeiro, consideremos o caso dos verbos causativos e perceptivos. Interessantemente, não haveria razão para se pensar em uma alteração do tipo mencionado na seção anterior, se InfP=VoiceP e, por essa mesma razão, o verbo infinitivo não se moveria para Voice (em nenhuma das línguas românicas). A razão para isso tem a ver com o fato de a derivação dessas sentenças variar com ECM, em que o núcleo de fase Voice transmite ou não seus traços-phi a v: se transmite, há ECM, se não transmite, o vP inteiro se move para Spec, VoiceP, deixando os elementos em seu interior acessíveis para a fase seguinte (ROBERTS 2009):

- (21) a. FAZER [VoiceP AE [Voice [vP [v [φ] [VP V AI]]]]] (ECM)
 a'. Ele fez [VoiceP [vP a Maria [InP comer o bolo]].
 b. FAZER [VoiceP [vP [v [VP V AI] AE [Voice]]]] (*Fazer*-Infinitivo)
 b'. Ele fez [VoiceP [InP comer o bolo] [vP à Maria]].

A solução é pensar que o PB teria perdido a construção de *Fazer-Infinitivo* por outra razão. Salles (2010), a partir de reflexão sobre Torres Morais e Salles (2010), sugere que é a perda da marca de dativo que seria responsável pela perda dessa construção.⁷ No modelo aqui adotado, isso se explica em virtude de no PB o núcleo Voice ter sempre de transferir seus traços-phi, porque a outra opção geraria um resultado agramatical, já que não há maneira de licenciar o caso dativo de um causado que ocorre com um verbo encaixado transitivo. Com a perda de evidência de movimento de elementos para o domínio superior, ocorreria a perda da subida de clíticos nesse contexto também.

O segundo caso de diferença entre PB e Fr consiste nos tempos compostos. Aqui, haveria uma distinção real, em função do movimento do complexo clítico+VInf ocorrer para Part, um subtipo de VP, de acordo com Roberts (2010) no Fr, mas não no PB — cf. (22). Uma evidência independente para isso seria a posição de um pronome-cópia do sujeito focalizado, no domínio inferior: entre VFin e VInf, ou após VInf — cf. (23). Observe ainda que a posição do pronome-cópia é paralela entre tempos compostos e sequências verbais no infinitivo no PB, mas não no Fr — cf. (24).

(22) [_{vP1=AuxP} V_{Fin} [_{vP2=PartP} Part [_{vP3} v [_{RootP} V_{Inf}]]]]

(23) a. ... ce maillot-là je l'ai aperçu moi une fois... (*www.internazionale.fr*)
'... esse maiô eu o tinha percebido uma vez...'

b. Tinha me suicidado politicamente por ter **eu** ido atrás de recurso...
(*ffontinelledossantos.blogspot.com*)

(24) a. Toutefois s'il conteste, **il** peut **LUI** aller au tribunal.

(*forum-juridique.net-iris.fr*)

'Contudo se ele contesta, ele pode **ELE** ir ao tribunal.'

b. **Os capitalistas** tentam **ELES** moldar o sindicalismo para que seja flexível.

(*www.bergmannppg.br*, extraído de CYRINO, 2010, p. 203)

⁷ No mesmo texto a autora também observa que uma construção muito semelhante a *Fazer-por*, ou seja, um tipo de "união de orações" com ordem V-V em que o causado se expressa na forma de um oblíquo (instrumental), é possível em PB — cf. (1b). Não vamos discutir esse exemplo, mas acreditamos que se deve à seleção, pelo verbo superior, de uma estrutura ainda mais reduzida, com um VP nominalizado.

(i) a. O João mandou lavar o carro (*pelos funcionários).
b. O João mandou lavar o carro (com o encarregado).

Nossa visão sobre os dados de pronome-cópia é que haveria a pronúncia dos traços-phi do sujeito em sua posição de base (Spec, VoiceP, ou Spec, vP), como se explica em maior detalhe ao final da seção 5.

5. Avaliação da proposta alternativa

Em suma, a análise que apresentamos nas seções 3 e 4 assume que não há mudança estrutural entre PE e PB, somente uma alteração em termos de traços formais, especialmente os relacionados ao movimento do verbo. Tendo em vista que nossa análise contesta aspectos de uma análise já existente, nesta seção são discutidos os argumentos da proposta alternativa, segundo a qual a perda da subida de clíticos se deve à inclusão de uma projeção TP encaixada (CYRINO, 2010; REIS, 2011). Tais argumentos podem ser resumidos em torno de dois fatos: a possibilidade de ocorrência do marcador de negação ou de uma cópia do sujeito no domínio mais baixo, discutidos em seguida.

Primeiro, sobre a negação no domínio infinitivo, os dados apresentados por Cyrino (2010) apontam que o fenômeno seria muito comum no PB, sendo apresentado mesmo como uma característica peculiar dessa gramática:

(25) a. hoje eu vou **não** rimar nada com nada, e não estou nem ligando...

(*eunamultiada.blogspot.com*, em CYRINO, 2010, p. 205)

b. só tenho a dizer que antes eu não via a tv aberta e agora vou **não** ver a tv digital aberta. (*tvdigitalbr.wordpress.com*, em CYRINO, 2010, p. 205)

Com base nos dados em (25), Cyrino (2010) afirma que haveria uma negação sentencial nesses casos e, portanto, sendo NegP uma projeção relacionada à categoria TP, haveria evidência de projeção de um Tempo encaixado. No entanto, da mesma forma que para o PE (ANDRADE, 2010), compreendemos que a negação seria de constituinte, e não sentencial. Esses dados apresentam uma ênfase na ação denotada pelo infinitivo, ou está inserida num contexto em que a opção do falante é colocada em ênfase, ou seja, em que a negação do infinitivo não tem necessariamente como contrário a proposição sem negação, mas é uma opção entre tantas que se colocam. Isso deriva de a negação de

constituente não obedecer à lei do meio excluído, segundo a qual uma proposição só pode ser falsa ou verdadeira. Note que usualmente os verbos que permitem esse tipo de construção são *ir* e *querer*, e os modais *poder* e *dever*, desde que com significado epistêmico. Dois testes são apresentados nesse sentido: a *preservação de pressuposição* e o *escopo relativo da negação*, com exemplos do PB e do Fr.⁸

Desde Jackendoff (1969) observou-se que a negação de constituinte implica uma pressuposição relativa ao elemento negado. Segundo Chomsky (1972), mesmo quando a negação sentencial e de constituinte não se diferenciam em termos de posição na sentença, seria possível ter uma ambiguidade, e, de novo, uma pressuposição (nesse caso, de que o evento negado já ocorreu). Em *John [(doesn't like) mushrooms]*, Chomsky observa que a sentença pode ser usada: como sinônimo de *dislike*, ou seja, uma negação do verbo *like* com escopo limitado a '()'. Nesse caso, se pressupõe que *John* já teve uma experiência com cogumelos; ou como uma negação sentencial, como escopo amplo ao predicado, marcado com '[]', em que ele não gostaria de cogumelos *a priori*. Dessa forma, se, em PB e Fr, só a negação de constituinte estaria disponível, isso estaria na base da relação entre significado epistêmico do modal quando a negação é baixa. Note-se que naturalmente constroem-se pressuposições a partir da leitura de sentenças como em (26a-b), como se parafraseia em (26a'-b'):

⁸ No Fr também se encontram exemplos semelhantes:

(i) a. ... mis... dans un wagon, qui va **ne pas** cesser de rouler.

(sites.google.com/site/psychanalyseactuel)

‘... a gente vai, além do mais, não privá-lo de Deus!’

b. Si on veut **ne pas** aller dans les endroits où la démocratie... ne règne pas (www.rtl.fr)

‘Se a gente quer não ir nos lugares onde a democracia... não reina?’

Segundo um dos pareceristas anônimos, tais usos são raros e podem se dever ao lócus de escrita (*internet*). Sem questionar isso, pensamos que eles não consistem em “erros”, mas refletem uma opção gramatical, que é a negação de constituinte, semelhante a *não-cooperação*, *não bobos* (*mas tímidos*), etc. O meio online pode favorecer tais dados, na medida em que há maior expressividade. Faz-se aqui um paralelismo com os dados do PB apresentados em Cyrino (2010), também extraídos da rede.

(26) *Preservação de pressuposição*

- a. Pré-temporada do flamengo em 2013 deve **não** acontecer no Ninho do Urubu
 a'. 'As pré-temporadas do Flamengo normalmente ocorriam no Ninho do Urubu' (*www.lancenet.com.br*)
 b. Tandis que l'arbre d'où vient le crayon peut **ne pas** devenir planche...
 'Enquanto que a árvore de onde vem o lápis pode não tornar-se prancha...
 b'. 'O tipo de árvore usada para fazer lápis é usualmente cortada (em prancha)'
 (G. Polizer, *Principes élémentaires de philosophie*, *www.marxists.org*)

Segundo, tem-se o teste do escopo do quantificador, que aplicamos somente ao francês (ANDRADE, 2010) para testes referentes ao PE, reproduzíveis em PB. A negação sentencial pode estender seu escopo para a oração inteira, mas não a negação de constituinte, e *ne* não seria uma real marca de negação, mas uma marca de escopo da negação em francês (GODARD, 2004). Em (27), comparam-se dois exemplos, um em que *ne+Adv* estão juntos a um verbo finito, outro em que *ne+Adv* estão juntos a um infinitivo em contexto de “reestruturação” (KIM; SAG, 2002) *ne+ADV* seriam adjuntos a vP:

(27) *Teste: escopo do quantificador*

- a. Tous les étrangers n'ont **pas** de carte d'identité.
 'Todos os estrangeiros não têm uma carteira de identidade (=CI).'
 Int-1: *ne > Q*: 'Não é o caso que todos os estrangeiros têm uma CI.'
 Int-2: *Q > ne*: 'Para todos os estrangeiros, é o caso que eles não têm uma CI.'
 b. Les étrangers commencent **tous à ne plus** aller au Louvre.
 'Os estrangeiros começam todos a não ir mais ao Louvre.'
 * Int-1: *ne > Q*: 'Não é o caso que todos os estrangeiros pararam de ir ao Louvre.'
 Int-2: *Q > ne*: 'Para todos os estrangeiros, é o caso que eles pararam de ir ao Louvre.'

Como esperado, no primeiro caso há ambiguidade entre escopo largo e estreito; no segundo caso, a interpretação com escopo largo é bloqueada, o que se deveria à impossibilidade de a negação se alçar, por estar adjunta ao constituinte, seguindo propostas como a de Choi (2004).

Finalmente, voltamos à questão do pronome-cópia, primeiramente observado em Cyrino (2010), com exemplos como em (24b), sobre os quais já mostramos haver correlatos em Fr em (24a). A interpretação dada por Cyrino (2010) para tais dados é que o PB teria um Tempo completo (ou seja, não defectivo), mesmo no complemento de verbos de reestruturação. Consideramos, por outro lado, que a ocorrência do sujeito

focalizado entre o VFin e o VInf seria indício não de um Tempo capaz de licenciar o sujeito baixo, mas do não-movimento do verbo infinitivo para uma posição Inf, acima de vP, onde se aloja o sujeito. Para além disso, a focalização seria resultante da realização de traços-phi do sujeito, em sua posição de base, devido a uma regra de pronúncia relacionada ao escopo estreito do acento.

Note-se a seguinte frase, do PE, que demonstra ser o sujeito-cópia em posição baixa possível somente em posição pós-infinitivo, nessa variedade — cf. (28). Se o sujeito está entre os verbos, trata-se do sujeito movido para o domínio superior, ocorrendo numa ordem pós-auxiliar — cf. (29). Isso está em conformidade com a teoria aqui esboçada para o pronomes-cópia, e com a teoria de movimento do verbo apresentada na seção 3.

(28) **Os meninos** querem fazer **ELES** o trabalho (AMBAR, 1992, p. 99).

(29) já muito tentei **eu** fazer para que as coisas fossem bem melhores...
(*conversadegajo.blogspot.pt*)

6 Conclusão

Este trabalho mostrou que é possível oferecer uma análise unificada para a perda da subida de clíticos em português brasileiro (PB) e em francês (Fr). A análise prevê que em alguns contextos a subida pode ainda ser realizada. Para tanto, é crucial que se adote o modelo em que a subida de clíticos é dependente de dois fatores: a seleção de uma estrutura sintática reduzida (ANDRADE, 2010) e a extensão da fase que inclui o verbo infinitivo.

A proposta de Cyrino (2010) de que haveria um T completo no complemento dos verbos de “reestruturação” no PB poderia explicar dados do PB popular, o que estaria em conformidade com a existência de infinitivos flexionados em contexto usualmente de controle/alçamento, como *eles tentaram saírem*, mencionado naquele trabalho. Contudo, sendo tais dados agramaticais na norma culta do PB, a existência de uma projeção TP fica sem sustentação, nesse dialeto.

REFERÊNCIAS

- AMBAR, M. **Para uma sintaxe da inversão sujeito-verbo em Português**. Lisboa: Colibri, 1992.
- ANDRADE, A. **A subida de clíticos em português**: um estudo sobre a variedade europeia dos séculos XVI a XX. Tese (Doutorado em Linguística). Campinas: Unicamp, 2010.
- BIBERAUER, T.; ROBERTS, I. Subjects, Tense and verb-movement. In: BIBERAUER, T. et al. (eds.) **Parametric Variation**: null subjects in minimalist theory. Cambridge: CUP, 2010. p. 263-302.
- CHOI, K. The Structure of Constituent Negation in English. **Studies in Generative Grammar** v.14, n. 2, p. 187-197, 2004.
- CHOMSKY, N. **Studies on semantics in Generative Grammar**. Haia: Mouton, 1972.
- CHOMSKY, N. **Lectures on Government and Binding**. Dordrecht: Foris, 1982.
- CHOMSKY, N. Derivation by phase. In: KENSTOWICZ, M. **Ken Hale: A Life in Language**. Cambridge, MA: MIT Press, 2001. p. 1-52.
- CHOMSKY, N. On phases. In: FREIDIN, R.; OTERO, C.; ZUBIZARRETA, M.-L. (eds.) **Foundational Issues in Linguistic Theory**: Essays in Honor of Jean-Roger Vergnaud. Cambridge, MA: MIT Press, 2008. p. 133-166.
- CYRINO, S. On romance syntactic complex predicates: why Brazilian Portuguese is different. **Estudos da Língua(gem)**, v. 8, n.1, p. 187-222, 2010.
- CYRINO, S. **Riqueza de tempo e movimento de verbo em Português Brasileiro**. Ms. Apresentação - Colóquios ForMA/ Unicamp, 2012.
- DEN DIKKEN, M. Phase Extension: Contours of a theory of the role of head movement in phrasal extraction. **Theoretical Linguistics**, v. 33, p. 1, p. 1-42, 2007.
- EMBICK, D.; NOYER, R. Movement Operations after Syntax. **Linguistic Inquiry**, v. 32, p. 4, p. 555-595, 2001.

GALVES, C.; RIBEIRO, I.; TORRES MORAIS, M.A. Syntax and morphology in the placement of clitics in European and Brazilian Portuguese. **Journal of Portuguese Linguistics**, v. 4, p. 2, p. 143-177, 2005.

GIORGI, A.; PIANESI, F. **Tense and Aspect: From Semantics to Morphosyntax**. Oxford: OUP, 1997.

GODARD, D. French Negative Dependency. In: CORBLIN, F.; DE SWART, H. (eds.) **Handbook of French Semantics**. Stanford, CA: CSLI, 2004. p. 351-389.

HAEGEMAN, L. **The syntax of negation**. Cambridge: CUP, 1995.

HIRSCHBÜHLER, P.; LABELLE, M. Changes in Verb Position in French Negative Infinitival Clauses. **Language Variation and Change**, v. 6, p. 149-178, 1995.

JACKENDOFF, R. **Some Rules of Semantic Interpretation for English**. Tese (Doutorado em Linguística). Cambridge, MA: MIT, 1969.

KIM, J.-B. & SAG, I.A. Negation without head movement. **Natural Language and Linguistic Theory**, v.20, p. 2, p. 339-412, 2002.

KRATZER, A. Severing the external argument from its verb. In: ROORYCK, J.; ZARING, L. (eds.) **Phrase Structure and the Lexicon**. Dordrecht: Kluwer, 1996, p. 109-137.

LEGATE, J. A. Some Interface Properties of the Phase. **Linguistic Inquiry** 34:3, p. 506-516, 2003.

MORAIS, M. A. T.; SALLES, H. M. Parametric change in the grammatical encoding of indirect objects in Brazilian Portuguese. **Probus**, v. 22, p. 181-209, 2010.

POLLOCK, J.-Y. Verb movement, universal grammar and the structure of IP. **Linguistic Inquiry** v. 20, p. 3, p. 365-424, 1989.

POLLOCK, J.-Y. Notes on Clause Structure. In: HAEGEMAN, L. **Elements of Grammar**. Dordrecht: Kluwer, 1997. p. 237-279.

POPLACK, S. Prescription, variation et usage: le subjonctif français et la variation inhérente. **Language et société**, v. 54, p. 5-33, 1990.

REIS, F.E. de B. **A perda da subida de clítico no português brasileiro: séculos XIX e XX.** Dissertação (Mestrado em Linguística). Campinas: Unicamp, 2011.

ROBERTS, I. O português brasileiro no contexto das línguas românicas. In: ROBERTS, I.; KATO, M. **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica.** Campinas: Editora Unicamp, 1993. p. 409-421.

ROBERTS, I. **Smuggling and FOFC.** Ms. Apresentação - QMUL/ Barcelona, 2009.

ROBERTS, I. **Agreement and Head Movement: clitics, incorporation and defective goals.** Cambridge: MIT Press, 2010.

SALLES, H. **Causative constructions in Brazilian Portuguese.** Ms. Apresentação no Workshop Romania Nova/ Campos do Jordão, 2010.

TSOULAS, G. The nature of the subjunctive and the formal grammar of obviation. In: ZAGONA, K. **Grammatical Theory and Romance Languages.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin. p. 293-306.

VEADO, R. M. A. **Comportamento linguístico do dialeto rural.** Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1982.

Recebido em agosto de 2013.

Aprovado em novembro de 2013.

SOBRE O AUTOR

Aroldo Leal de Andrade é mestre em Linguística pela Universidade de Brasília e doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas, tendo trabalhos com ênfase em morfossintaxe teórica e diacrônica. Atualmente é pós-doutorando no Instituto de Estudos da Linguagem (Universidade Estadual de Campinas).
E-mail: aroldo.andrade@gmail.com